



***Futebol, cinema & cia.: ensaios***

José Carlos Marques; Sandra Regina Turtelli (Org.)

São Paulo, SP:  
Cultura Acadêmica, 2011  
202 páginas

Resenhado por:  
**Sérgio Nesteriuk**

- Doutor e mestre pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
- Graduado em Comunicação Social – Radialismo, pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Faac-Unesp)
- Professor dos cursos de Comunicação Social da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (Fapcom) e dos cursos de Design da Universidade Anhembi-Morumbi
- Consultor e realizador independente nas áreas de produção audiovisual e hipermídia.
- Pesquisador das diversas relações do jogo na cultura contemporânea
- [nesteriuk@hotmail.com](mailto:nesteriuk@hotmail.com)

## A sétima arte e a caixinha de surpresas

The seventh art and the little surprise box

El séptimo arte y la cajita de sorpresas

“O futebol é uma caixinha de surpresas”

Benjamin Wright

**F**utebol e cinema são duas áreas extremamente férteis e com muito em comum. Do documentário à ficção, o encontro da sétima arte com o esporte bretão tem proporcionado momentos singulares dentro da produção cultural do século XX e do início do século XXI, sobretudo a partir do pós-II Guerra Mundial. Apesar desse cenário e de suas múltiplas possibilidades investigativas, poucas foram as vezes em que a produção acadêmica, sobretudo em língua portuguesa, se debruçou sobre esse tema.

Isso já justificaria o lançamento do livro *Futebol, cinema & cia.: ensaios*, organizado por José Carlos Marques e Sandra Regina Turtelli e publicado pela Editora Cultura Acadêmica (2011). Se fizermos uma analogia entre esse livro, o futebol e o cinema, perceberemos em comum características fundamentais a um bom time.

A primeira delas é a preparação: a origem da obra remete ao curso de extensão universitária “Cinema e futebol”, realizado no campus de Bauru da Universidade Estadual Paulista (Unesp) em 2009. Nessa ocasião, uma seleção com dez filmes nacionais e estrangeiros foi exibida, analisada e comentada por professores convidados por Sandra Turtelli pesquisadora do campo da mídia esportiva no Brasil. A partir desta experiência, Turtelli congregou craques (com o perdão do trocadilho) representados por professores da Unesp e pesquisadores do Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol (Gecef). Surge aí a segunda semelhança: a equipe. Assim como no futebol, os autores do livro possuem origens e características diversas que, articuladas em um todo, conseguem produzir resultados bastante interessantes. A terceira semelhança reside

no fato de proporcionar resultados capazes de nos levar a discussões que extrapolam a esfera do próprio fenômeno. A partir de aportes oriundos de áreas como a comunicação, a filosofia, a sociologia e a história, o livro tem o mérito de trazer uma visão interdisciplinar sobre o tema, fazendo com o que o leitor reflita, relacione e eventualmente expanda as questões apresentadas.

Nesse sentido, é preciso registrar que dos treze ensaios apresentados, três deles extrapolam os limites do futebol – embora suas reflexões também possam ser transportadas para esse universo. Em “Esporte, cinema e ideologia: análises sociológicas e semiológicas”, Danilo Rothberg e Alexandra Bujokas partem da presença de filmes sobre esportes na premiação do Oscar como forma de analisar a representação do papel desse universo enquanto meio imaginário de ascensão social, abordando películas como *Rocky, um lutador* (1976), *Carruagens de fogo* (1981), *Jerry Maguire: a grande virada* (1996), *Gladiator* (2000) e *Menina de ouro* (2004).

“Um time, uma nação: o rugby como objeto modal”, de Maria Angélica Martins, analisa o filme *Invictus* (2009) e o papel da seleção de rugby da África do Sul como elemento de integração racial durante o mundial dessa atividade, realizado naquele país em 1995, um ano após a eleição de Nelson Mandela para a presidência.

O terceiro ensaio é “Se você construir ele virá: cinema e mitologia esportiva”, no qual Ronaldo Helal e Álvaro Vicente do Cabo, partindo do filme *Campo dos sonhos* (1989), buscam uma singularidade narrativa do esporte por meio do beisebol e de suas implicações como um desporto que permeia o imaginário estadunidense em busca de uma identidade.

Conforme observado na apresentação do livro por José Carlos Marques – outro pesquisador no campo da comunicação e esporte no país –, os demais ensaios podem ser classificados em cinco grandes categorias, de acordo com suas abordagens centrais: histórica; de análise filmicoestrutural; ética; socioantropológica; e de narrativa oral.

A *abordagem histórica* pode ser observada em dois ensaios. Em “Comunicação e futebol em tempos de política”, Maximiliano Vicente versa sobre o poder do símbolo como instrumento de integração social capaz de reproduzir a ordem estabelecida nas sociedades modernas. Para tal, o autor parte do filme *Fuga para a vitória* (1981) para mostrar como o futebol e a política extrapolaram as barreiras das “quatro linhas” em pleno nazismo. Célio José Losnak desloca, por sua vez, essa relação para a conquista do tricampeonato da seleção brasileira na Copa Mundial de 1970, no ensaio “Pra frente Brasil: otimismo e violência durante a copa de 1970”. Para tanto, Losnak utiliza como base o filme *Pra frente Brasil* (1982), considerado uma “contra-análise da sociedade” ao mostrar o inverso da história oficial e polemizar com as ambiguidades da classe média brasileira em suas diversas esferas. Não por acaso, ao contrastar a

expansividade de ânimos pela vitória na copa com a retração política no cotidiano, o filme sofreu com a censura nos anos finais da ditadura.

Já a *análise filmico-estrutural* está presente em três ensaios. No primeiro deles, “Asa branca/Ronaldo: voando alto”, Murilo César Soares destaca duas obras que utilizam a metáfora do voo como forma de ascensão social dos protagonistas por meio do futebol: *Asa branca, um sonho brasileiro* (1980) e *Ronaldo: manual de voo* (1997). Em comum os filmes – o primeiro uma ficção e o segundo um documentário – são narrativas em torno de ídolos com finais felizes e não ensaios críticos sobre o esporte. O voo é atingido em ambos na cena final: no primeiro, com o voo da protagonista e, no segundo, com as crianças imitando a comemoração do atacante Ronaldo, abençoados pela figura do Cristo Redentor, de braços abertos, ao fundo. Em “Linha de passe: a grande metáfora”, João Batista Chamadoira explora as relações suscitadas pela representação do futebol na sociedade brasileira a partir do filme *Linha de passe* (2008). Na visão do autor, a grande metáfora é a própria cidade de São Paulo, construída no filme como um imenso campo de futebol no qual as personagens vão trocando passes até chegar ao “gol” – termo que, como nos lembra Chamadoira, se origina do inglês *goal* (objetivo). Entretanto, nem sempre a simples troca de passes é o suficiente para a vitória e o jogo pode terminar em empate ou mesmo derrota. O terceiro artigo dentro dessa abordagem é “Pelé eterno e Maradona by Kusturica: uma análise comparativa da construção cinematográfica do herói no futebol,” de Ary Rocco Júnior. Como o título já evidencia, o autor mostra como a questão do olhar do diretor pode mudar as características de dois documentários distintos, mas com uma mesma proposta: a construção da imagem do herói no futebol. Em *Pelé eterno* (2004), o diretor brasileiro Anibal Massaini Neto explora o arquétipo do atleta ideal, evitando qualquer polêmica sobre a vida pessoal de Edson Arantes do Nascimento. Já em *Maradona by Kusturica* (2008), dirigido pelo sérvio Emir Kusturica, a imagem do grande ídolo argentino é desconstruída nas esferas pública, pessoal e privada: o gênio do futebol, o cidadão politicamente incorreto e o homem de família. São, portanto, maneiras diferentes de se fazer uma mesma coisa.

O *aporte ético*, por sua vez, aparece em outros dois ensaios. As relações sociais e os códigos norteadores de um grupo de torcedores britânicos é o pano de fundo de “Infortúnios da fortuna, *hooligans*, reputação e ética”, de Jefferson Oliveira Goulart. O autor tece suas reflexões a partir do filme *Hooligans* (2005), que propõe um mergulho no universo moral desses torcedores, reconhecidos por sua violência, a partir de um protagonista alheio a ele. Com o decorrer da trama, essa personagem revela sutilezas e contrastes, percebendo ora diferenças ora semelhanças com os componentes daquele grupo. Também no campo da ética está “Ensaio sobre as relações do cinema, futebol e do direito”, de Carlos José Napolitano. Explorando algumas das perspectivas oferecidas pelo filme *Adeus, Lênin!* (2003), ambientado na Alemanha pós-queda do Muro de Berlim, Napolitano estabelece uma série de relações possíveis entre o direito e o futebol, como, por exemplo, a questão do desenvolvimento dos conceitos

de povo e de nação, fundamental para o direito constitucional e para a teoria geral do estado. Essa questão, conforme observada pelo autor, pode ser evidenciada em momentos singelos, como em uma das frases aparentemente desprezíveis da protagonista: “O futebol ajudava a criar a unidade de nossa dividida sociedade”.

As *abordagem socioantropológica* norteia as reflexões de dois ensaios. Em “A representação midiática do torcedor de futebol em *O corintiano*”, Claudio Bertolli Filho e Ana Carolina Talamoni, considerando o contexto da década de 1960 no Brasil, analisam o filme *O corintiano* (1966), produzido e estrelado pelo famoso ator e comediante Mazzaropi. Os autores concluem que o filme reitera a imagem do torcedor fanático como sendo um homem com poucos recursos intelectuais, cujo único aspecto aceito em uma sociedade em busca da modernização é o seu fanatismo pelo futebol – aspecto este que ganhará um expressivo contorno nacionalista, sobretudo durante a copa de 1970. Marcos Américo, em “Quem ganha com tudo isso? *Subterrâneos do futebol*: um filme de Maurice Copovilla”, discorre sobre o filme dirigido pelo polêmico diretor brasileiro – que chegou a tentar a carreira de jogador de futebol –, realizado em 1968. Por meio de uma visão autoral e engajada, Copovilla busca, segundo Américo, desenvolver estratégias para despertar no público a consciência da alienação, dando assim o primeiro passo para sua desalienação.

Por fim, uma abordagem mais baseada na *narrativa oral*, nas vicissitudes da oralidade, se faz presente no ensaio “Conversa de bar: narrativas e história oral em *Boleiros*, de Ugo Giorgetti”, escrito por José Carlos Marques. Nesse ensaio, Marques, que é um dos organizadores do livro, mostra o papel da oralidade na construção do universo simbólico que envolve o futebol. Não por acaso, o filme de Giorgetti, que possui como subtítulo *Era uma vez o futebol*, cria uma estrutura narrativa semelhante à de Sheherazade em *Mil e uma noites*. Assim como no clássico da literatura, os boleiros do filme, que se reúnem na mesa do bar ao final do dia, só se mantêm vivos ao contar “causos” e histórias de seu passado.

Ao oferecer múltiplos olhares sobre a relação de duas das mais importantes manifestações expressivas de nosso mundo, esse livro é uma leitura obrigatória, não apenas para os aficionados por cinema e por futebol, como também para todos aqueles que pensam a comunicação e que se interessam pelos liames interconectando as diversas formas que assume a cultura contemporânea.